

A saga de Joyce

Aos 19 anos, Joyce Lourenço cursa o terceiro período de medicina. Nascida em Ceilândia, passou a infância e a adolescência em escolas públicas. Estudou, inclusive, em uma escola rural localizada no Incra e, mais tarde, concluiu o ensino médio no Recanto das Emas. Desde cedo, percebeu que a preparação oferecida pela escola não era suficiente para disputar uma vaga em um dos cursos mais concorridos do país.

Enquanto muitos estudantes tinham acesso a cursinhos particulares, ela buscava alternativas. Participou de cursinhos sociais, estudava na casa de uma tia e utilizava o auxílio Pé-de-Meia para custear materiais e atividades complementares. Joyce lembra que precisou estudar muito além do conteúdo apresentado em sala de aula. Segundo ela, não era falta de dedicação dos professores, mas de uma realidade que afeta grande parte dos estudantes da rede pública.

Por muito tempo, acreditou que o curso não era um lugar para pessoas como ela. Ninguém em sua

família havia, sequer, feito uma graduação. A ideia de ocupar uma cadeira em um curso associado às elites parecia distante.

A aprovação veio pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS) por meio das cotas. A notícia foi recebida entre lágrimas e comemoração ao lado da família. Mas a chegada à universidade trouxe novos desafios. Beneficiária da assistência estudantil, Joyce ficou meses sem receber apoio financeiro durante a greve dos técnicos da universidade. Como o curso é em período integral, concilia os estudos com trabalho para conseguir custear equipamentos e livros necessários em cada semestre. Sempre que o semestre se torna mais pesado, lembra da trajetória que a trouxe até ali e do futuro que deseja construir. Desistir não é uma opção para a jovem. “Tento sempre lembrar da trajetória que me trouxe até aqui e imaginar o futuro que me aguarda, o que acaba sendo motivador” afirmou.



Arquivo pessoal



Obstáculos para cadeirante

Quando o nome de Ghabriel Alves Amorim, 22 anos, apareceu na lista de aprovados em medicina, a notícia surpreendeu até as pessoas mais próximas. Nem a mãe e a avó sabiam que ele estava tentando uma vaga. Morador da Cidade Ocidental, em Goiás, e atualmente no quinto período da graduação, ele decidiu guardar o sonho para si até que tivesse certeza de que havia conseguido.

Criado apenas pela mãe, estudou toda a vida em escolas públicas. Sem condições de pagar cursinhos preparatórios, Ghabriel utilizou cadernos usados, materiais gratuitos e videoaulas disponíveis na internet para se preparar para os vestibulares. Posteriormente, recebeu acesso gratuito a um cursinho preparatório on-line voltado para a UnB, ferramenta que ele considera fundamental para sua aprovação.

Mas a realidade de Ghabriel envolve desafios que vão além das dificuldades financeiras. Ele é cadeirante. A condição muda, totalmente, sua rotina

dentro e fora da universidade. Problemas no transporte público, falhas em elevadores adaptados, atrasos provocados pela falta de acessibilidade e limitações estruturais em alguns espaços hospitalares fazem parte do cotidiano. “Situações que para muitos dos meus colegas representam pequenos contratemplos podem se transformar em obstáculos gigantes no meu dia a dia.” diz ele.

Mesmo antes de entrar na universidade, a caminhada já havia sido difícil. No dia do vestibular, enfrentava uma grave infecção intestinal. Durante a prova, precisou concentrar esforços para permanecer consciente. Em diversos momentos acreditou que não conseguiria concluir o exame. Ainda assim, permaneceu até o final e conquistou a vaga. Hoje, entre os estudos, a rotina universitária e os desafios de acessibilidade, segue construindo uma trajetória que representa muito mais do que uma aprovação.

Doutora Beatriz!

Filha de um motorista de ônibus e de uma confeitaria, Beatriz Silva Leandro cresceu em uma família simples que sempre acreditou no poder da educação. Aos 20 anos, ela está no sexto semestre de medicina.

Durante a preparação para o vestibular, não teve acesso a cursinhos particulares. Estudar medicina parecia um sonho distante para alguém que dependia basicamente de um notebook, videoaulas e materiais compartilhados gratuitamente na internet. Aluna do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Fernando Pessoa, ela encontrou apoio importante nos professores. Alguns deles, afirma, serão lembrados para sempre.

Apesar do esforço, o processo foi marcado por inseguranças. Muitas vezes, acreditou que não era capaz de alcançar a aprovação. Foi a família e os educadores que insistiram quando ela mesma já não tinha

tanta certeza. A recompensa veio com a aprovação após o fim do ensino médio.

Hoje, porém, a principal dificuldade não está nas provas. Ela mora a cerca de duas horas da universidade, em Valparaíso de Goiás. São quatro horas diárias, em média, consumidas pelo deslocamento. Além do cansaço físico, existe o desgaste emocional provocado pela comparação constante com colegas que aparentam ter rotinas mais estáveis e menos obstáculos.

Mesmo assim, a graduação também trouxe experiências transformadoras. Na universidade construiu amizades importantes, conheceu o namorado e descobriu uma nova forma de enxergar a profissão. A primeira vez em que foi chamada de doutora por um paciente permanece viva em sua memória. Para ela, aquele momento simbolizou algo maior do que uma conquista acadêmica. “Representa a possibilidade de cuidar de pessoas”.

